

EDIÇÃO COMEMORATIVA: 10 ANOS DE *ARS HISTORICA*

MILLENA SOUZA FARIAS¹

MAREANA BARBOSA GONÇALVES MATHIAS DA SILVA²

Caros leitores, iniciamos nosso último editorial como editoras-chefes da *Ars Historica* desejando que todos estejam bem. Repetimos aqui os votos da edição anterior, pois ainda sofremos com o impacto da pandemia do novo coronavírus neste segundo semestre de 2020. Gostaríamos de ser mais otimistas, mas as perspectivas não são boas quando o país alcança números inéditos de infectados e ainda vê os óbitos chegarem à casa do milhar.

Nesse ano, fomos impelidos a transformar compulsoriamente as nossas rotinas, hábitos diários e o formato de trabalho e a forma de interagir com o mundo. Os dias foram tomados pelas infundáveis *lives*, reuniões e aulas em telas de aparelhos eletrônicos e 24h parecem insuficientes para tanto. Nossas relações com familiares e amigos continuam restritas a encontros remotos, o que deixa, cada vez mais, a nossa sanidade na ‘corda bamba’, pois os problemas — que antes era apaziguados pelas relações sociais, pelos encontros que tanto nos confortavam —, multiplicaram-se.

Nas universidades, os programas de pós-graduação de todo o Brasil se adaptaram às novas dinâmicas de ensino e pesquisa remotos. As aulas, qualificações, defesas, reuniões de laboratório e grupos de pesquisa passaram a ser realizadas por plataformas de videoconferência. As consultas aos arquivos ficaram restritas às fontes digitalizadas, ao passo em que a maioria das bibliotecas das universidades e dos institutos de pesquisa especializados estão fechadas por tempo indeterminado. Nesse sentido, muitos pós-graduandos que trabalham apenas com

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ), Bolsista CNPq. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). (E-mail: millena.msf@gmail.com).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Bolsista CNPq. (E-mail: mareanabgms@hotmail.com).

arquivos físicos tiveram suas pesquisas prejudicadas. Objetos de pesquisa foram modificados ou radicalmente alterados para a adequação à nova realidade, que ninguém sabe exatamente como funciona e como funcionará no(s) próximo(s) ano(s).

Para muitos, a rotina de isolamento e a pressão ocasionada pela pandemia, somada aos discursos de “quarentena produtiva” e à constante ameaça de cortes de bolsas geraram impactos negativos para a saúde de muitos, pois a sensação, generalizada, é de aumento exponencial da carga de trabalho, além da constante luta de entendimento com os hardwares. Definitivamente, 2020 foi um ano exaustivo, do qual o esgotamento parece ser apenas o início de um futuro em que ele fará parte de nossas rotinas como estudantes e professores. A sanidade, física e mental, é uma realidade que precisa ser conquistada dia a dia e assistimos, paulatinamente, tornar-se um privilégio para poucos.

Contudo, a *Ars Historica* continuou em funcionamento. É o décimo ano de atividade da revista. Muito embora estejamos imersos nesse contexto de esgotamento gerado pela pandemia, optamos por não deixar essa data sem comemoração. Para a elaboração desse volume, optamos por apresentar um conjunto de artigos livres, de diferentes temáticas, recortes temporais e perspectivas teórico-metodológicas. É uma forma simbólica de demonstrar a pluralidade da *Ars* nos últimos dez anos.

Como revista acadêmica discente, compreendemos que é nosso papel oferecer suporte aos pós-graduandos e professores que submeteram artigos ao longo da pandemia. Por esse motivo, nesse semestre, nosso comitê editorial optou por flexibilizar os prazos de editoração para autores e pareceristas, pois aprendemos que, embora existam prazos, é preciso, em primeiro lugar, respeitar as limitações de cada um, pois a pandemia não atinge a todos da mesma forma.

Para a abertura deste volume, convidamos quatro editores egressos para contar um pouco da trajetória da revista: Juliana Torres, Aline Monteiro, Filipe Duret e Maria Beatriz Porto. Deixamos aqui registrado nossos agradecimentos por aceitarem tamanha empreitada. Eles contam como, entre 2010 e 2020, muito mudou. A *Ars Historica* adquiriu um novo formato, mudou a dinâmica da interação entre os editores e o PPGHIS, além de mudanças de layout e regras de editoração. É uma revista diferente do início e marcada pelo constante esforço dos discentes de mestrado e doutorado que por ela passaram.

Os comitês da *Ars Historica* trabalharam, ano após ano, em busca do processo de profissionalização e reconhecimento na área da História Social. Caminhamos também no

sentido de promover a internacionalização da revista e, desde 2019, ampliamos o escopo de nossa chamada de artigos.

Sem mais delongas, gostaríamos de destacar que, como resultado do esforço de nossos editores, no próximo semestre, a revista *Ars Historica* passará, oficialmente, a compor a plataforma OJS/SEER do Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Isso é resultado de um esforço coletivo dos editores atuais e merece muito reconhecimento. Nesse ano tão difícil, essa é uma vitória que gostaríamos de compartilhar com os autores, leitores e colaboradores da revista.

O resultado da editoração deste último semestre pode ser conferido nas páginas seguintes. Indicamos acima, que a apresentação será feita por quatro convidados egressos e foi nomeada “10 anos de *Ars Historica*: memória(s) de uma revista discente”.

O conjunto de artigos da Edição 20 é composto, por sua vez, pelos trabalhos de pesquisadores dos mais diversos níveis acadêmicos. Para começar, temos o artigo “*Um corpo sem castidade: Leila Ferraz e o Movimento Surrealista na cidade de São Paulo entre os anos 1950 e 1967*”, do Professor Dr. Reginaldo Sousa Chaves, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Em seguida, temos os artigos de doutorandos: “*Operárias da Sogantal em luta: uma análise crítica à historiografia portuguesa no debate sobre gênero*”, de Pamela Peres Cabreira (Universidade Nova de Lisboa - Portugal); “*A morte régia em comparação: as narrativas fúnebres sobre os reis de Portugal e de Castela no século XV (1454 - 1481)*”, de Hugo Rincon Azevedo (Universidade Federal de Goiás) e, também, “*As lideranças operárias em discussão: a difusão do Primeiro de Maio na cidade de Manaus (1900-1930)*” de Richard Kennedy Nascimento Candido (Universidade Federal do Amazonas).

Contamos também com os artigos de mestres e mestrandos: “*Narrativas do medo: cenas cotidianas da epidemia de cólera na Província de Alagoas (1855-1882)*”, de Oseas Batista Figueira Junior (Universidade Federal de Alagoas); “*Idealização e transformação da casa em que viveu Rui Barbosa em museu (1924-1966)*”, de Mariana Freitas de Andrade (Universidade Federal do Rio de Janeiro); “*Jóias do principado: tempo e memória na iconografia de Camafeus Júlio-claudianos*”, de Giovanni Pando Bueno (Universidade de São Paulo); “A

prática do trabalho em puxirões em faxinais de Rebouças-PR – Uma análise conceitual”, de Wellerson Emanuel Ferreira (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná); e, por fim, “*Tirarei Medicina quando terminar os sete meses de cadeia*”: identidade e resistência pelo trabalho no Sul de Moçambique (1945-1970)”, de Caio Fabiano Lopes do Valle Souza (Universidade de São Paulo).

Para encerrar nossa vigésima edição, temos a resenha intitulada “*Entre teorias e práticas na biografia histórica*”, elaborada por Carlos Thaniel Moura (Universidade de São Paulo) e Roger Camacho Barrero Junior (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); e a nota de pesquisa “*William Lloyd Garrison e o caráter interracial do movimento abolicionista*”, de Filipe Sampaio Robles (Universidade Federal Fluminense).

Pelo que podemos perceber, a pandemia está longe de acabar no país e o “novo normal” continua a modificar nossos modos de vida, mas “é preciso estar atento e forte”, como diria Caetano Veloso, uma vez que é necessário trabalhar por revistas discentes de qualidade, por mais espaços democráticos de diálogo e publicação nas universidades públicas do Brasil. Afinal, nós, mestrandos e doutorandos, somos as futuras gerações de professores.

No mais, uma boa leitura!